



Tia Ciata (Salvador, 1854; Rio de Janeiro, 1924)

O NEGRO NA FORMAÇÃO SOCIAL DO BRASIL

Luiz Afonso Simoens da Silva

Introdução

Usualmente, a história da formação econômica do Brasil é contada com base nos pontos de vista do conquistador. Não é por acaso que portugueses, espanhóis, holandeses, franceses e, particularmente, ingleses ocupem o centro da cena. A questão da formação social do povo brasileiro foi, entretanto, tratada com pouco caso por muitos séculos. Não era importante conhecer a estrutura social dos povos dominados. Mais recentemente, isso tem mudado. Já se consegue ter uma visão mais clara de como essas relações foram mediadas por racismos de toda ordem.

Esta nota pretende recapitular o que alguns escritores falaram a respeito da importância dos povos negros dominados na formação do Brasil e de suas consequências.

De *Roberto Moura*, com sua *Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro*, vem a relação entre as duas primeiras capitais do Brasil - Salvador e Rio de Janeiro – tal como eram vistas e vividas pelo escravo vindo da África. O autor é um cineasta, escritor e professor que foi se aproximando da temática da formação do povo brasileiro, por meio de inúmeras *curtas* que criou. Ao participar de concurso de monografias da Funarte, acerca das “velhas baianas do Rio de Janeiro”, ele “partiu na frente” pela experiência acumulada. Daí ao livro lançado em 1983 foi só um passo. A edição atual é de 2022.

De *Francisco Guimarães, Vagalume*, vem *Na Roda do Samba*, onde foram revisitados os produtos dos primeiros músicos da terra, que criaram o samba, uma forma de expressão que se tornou uma das maiores marcas do caráter do homem brasileiro. Vagalume foi um jornalista negro do Rio de Janeiro, pioneiro na história do samba em seu alvorecer. A edição é de 2023, noventa nos depois da primeira, que saiu em 1933.

A questão da relação da formação social do povo brasileiro é destacada no papel exercido por Salvador e Rio de Janeiro. O intervalo temporal vai da Colônia e passa pelo primeiro centenário da Independência, pelo Império e pela proclamação da República. Na economia, envolve o período de *plantation* e não mais que os primeiros anos de modernização agrícola e industrial. Grosso modo, dos 1500 até cerca de 1930.

Salvador, Bahia

Moura (2022: 22) afirma que o Portugal do século XV já tinha experiência com o comércio de escravos negros. O papa Nicolau V assinou a bula *Romanus Pontifex*, em 1454, que dava exclusividade aos portugueses para “atacar, submeter e reduzir à escravidão perpétua os sarracenos, pagãos e outros inimigos de Cristo”. Documentos papais posteriores reafirmaram o direito de Portugal de conquistar novos mundos e submeter os negros para o cultivo de suas terras. Em pouco tempo, já no reinado de D. Manuel I, o *Venturoso* (1469/1521), a população de Lisboa contava com 10% de negros em sua população. Por isso, D. Manuel, que descobriu o caminho da Índia e do Brasil, também foi cognominado de *Monarca Negroiro*.

Em 1584, o padre Anchieta fez uma estimativa: havia cerca de três mil negros na Bahia. Os primeiros escravos que chegaram a Salvador vieram da *Guiné*, uma região não bem delimitada onde viviam “mandingas, berbecins, felupes, axântis, berberes” e outros. No mapa da África atual, esses povos estavam na África Ocidental e seriam aqui conhecidos como *Bantos*. Destaque deve ser dado ao papel de Angola nesse comércio. Estima-se que cerca de 3 milhões de escravos vieram para o Brasil, entre 1530/1854, apesar de ele ter continuado até 1878, quando a Inglaterra proibiu o tráfico. Outras estimativas falam que cerca de 10 milhões de escravos foram levados para o Novo Mundo. Destes, 5 milhões teriam sido embarcados em Angola, ainda que tivessem origem em outros territórios. “O mercado negroiro de Salvador continuaria explorando os mesmos endereços, o que definiria a presença esmagadora de *Bantos* por séculos” (idem).

Quando os portos de embarque dos escravos mudaram geograficamente devido a conflitos locais, as novas levas de capturados revelaram tradições distintas. No século XVIII, em 1725, o Reino de Daomé invadiu o território dos *iorubás*, com isso levando a que os navios negroiros ampliassem suas rotas para incluir a *Costa da Mina*, situada mais ao Norte, na África Meridional. Nesse território dos *iorubás*, se encontrava o poderoso império de *Oyó*, em terras da Nigéria até a cidade portuária de Lagos, onde se desenvolvia o povo *Nagô*. Sua liderança política e militar, que havia se expandido para o povo *haussá*, onde viviam os *malês*, começou a ser posta em xeque a partir das guerras civis que resultaram da expansão do *Islã* (Moura:23/30).

A indiferenciação dos povos escravizados está na origem de equívocos posteriores. Tudo se passou como se os habitantes vindos da África fossem iguais e, portanto, sujeitos a regras uniformes. Ou seja, os africanos recém chegados da *Guiné*, os aqui nascidos e os mestiços eram *Crioulos*. Essa designação se aproxima da utilizada na América hispânica, onde os filhos dos europeus nascidos nas colônias eram *Criollos*. Mais adiante, essa indiferenciação identificou os *Nagôs* com os *Iorubás* e os *Malês* com os *Haussás*. As partes com um todo maior. Os *Nagôs* conquistaram os *Malês*, povo de orientação religiosa muçulmana, um problema sério quando o crente islâmico foi remetido como escravo para uma colônia de culto cristão. Pior: como equalizar a vida dos *Bantos*, pastores e agricultores originais, com a dos *Nagôs* e *Malês*, urbanos e comerciantes? Não é difícil entender que tais diferenças marcaram as relações entre o povo escravizado de nossa primeira capital.

É do confronto dessas culturas africanas diversas e delas com o dominador europeu que surgirão os primeiros elementos de formação do homem brasileiro. Assim, arribado em

terras baianas, o escravo negro enfrentou o jugo do dominador, mas conseguiu manter alguns traços distintivos trazidos da África. Com isso, começou um processo de construção de um mundo paralelo ao do conquistador, particularmente na religião, mas muito também na música, nas danças, na cozinha e em todas as esferas das relações sociais. Em seu contato com o branco europeu, esses mundos distintos começaram a se influenciar, apesar das barreiras de um racismo impenitente.

Um exemplo dessa aproximação já foi mencionado em documento anterior publicado neste sítio e relatado por Didier (2022:cap.12). Um ato paradigmático ocorreu na Bahia, em 1707, quando o arcebispo Dom Sebastião Monteiro da Vide incentivou os senhores de engenho e fazendeiros a permitirem que seus escravos guardassem os domingos e os dias santificados para as celebrações cristãs. Dom Sebastião elencou 91 dias (cerca de 25% do ano), entre datas santificadas e domingos, para descanso dos escravos. Um ócio que seria voltado às práticas religiosas. O objetivo da igreja era aumentar os crentes, o que acabou tendo relevância nos costumes e na cultura. A elite local aceitou a solicitação da igreja, provavelmente porque ainda estava viva a memória do Quilombo dos Palmares, revolta dos *Bantos* que ocorreu na Serra da Barriga (1630/1695), na então capitania de Pernambuco, hoje Alagoas. Havia medo concreto de que os escravos voltassem a se rebelar e fundassem um estado independente dentro do território colonial.

Aproximações e estranhamentos se alternaram ao longo da história. De um lado, estrangeiros que aportaram à Bahia nos séculos XVIII/XIX se surpreenderam com o inusitado das procissões, onde alas de austeras ordens religiosas exibiam a “preciosidade de suas capas, bandeiras e insígnias”. A “gravidade e altivez dos padres europeus e todo o esplendor da igreja romana” contrastava com o “barulho selvagem de negros exóticos, [...] cercados do bulício dos mulatos irrequietos” (Didier, *idem*).

Do outro lado, o ódio ao conquistador permanecia vivo e explicava as inúmeras revoltas contra o império brasileiro. Durante a Regência, aconteceu o *Levante dos Malês*, em 1835, onde cerca de 600 negros da etnia *haussá* lutaram pela sua liberdade na Bahia. Na revolta, foi organizada uma frente com os *iorubás*, *Nagôs* vindos de *Oyó*. Foi, portanto, um movimento de escravos oriundos da *Costa da Mina*. O problema, não pela primeira vez, foi a ausência dos *Crioulos*, aí incluídos os *Bantos*, seus desafetos vindos da *Guiné*, sendo que vários destes fizeram parte da repressão (Moura: 38).

Francisco Gonçalves Martins, que foi chefe da polícia durante a revolta malê, tornou-se presidente da província da Bahia entre 1849/1853 e não poupou os negros de suas perseguições. Estes foram excluídos de ocupações urbanas e do aprendizado de alguns ofícios. Paralelamente, ele “estabeleceu impostos aos artífices urbanos e intensificou a ação repressiva da polícia, que encheu as prisões com libertos” (*idem*).

As ações repressivas das autoridades públicas buscavam isolar o negro na periferia da cidade e trombavam com suas organizações religiosas, que vinham se desenvolvendo em Salvador. O culto dos *orixás Nagôs*, um povo respeitado a ponto de ter tornado seu idioma a língua franca da cidade, o culto muçulmanos dos *Malês* e os *candomblés* dos *Bantos* valorizavam os ritos de gentileza e amizade das celebrações dos *orixás*. Uma questão importante aí ficou clara: o homem é o pai que guarda a casa e a mulher é a mãe que guarda o mistério da vida. Havia uma consideração maior pelo papel da mulher do que pelo do homem. Não foi à toa que grandes mães-de-santo – “Aninha, Pulquéria,

Senhora, Menininha” – sabiam de coisas que não eram transmitidas aos homens. Elas, em verdade, acreditavam que os homens não eram feitos para a possessão (idem: 49).

Hilária Batista de Almeida nasceu em Salvador em 1854. No dizer local, “foi feita no santo ainda adolescente”. Moça, já era conhecida por Siata, Assiata ou, mais tarde, Tia Ciata. Teve uma filha, Isabel, fruto de um namoro com um conterrâneo (idem: 191/2).

O resultado das perseguições e deslocamentos do centro da cidade para a periferia agravaram as condições de vida na capital da Bahia. A consequência, a partir da metade do século XIX, foi a migração de negros forros que partiram de volta à África ou para o Rio de Janeiro. Com a Abolição, em 1889, esse movimento aumentou. Além dos maus tratos locais, havia esperança de encontrar condições melhores de vida na nova capital. Seu porto se tornara o principal da colônia, desde que havia se esgotado o ciclo do açúcar no Nordeste (século XVII) e começados os ciclos da mineração em Minas Gerais, no século XVIII, e do café fluminense, no século XIX (Moura: 38/64).

É a partir desse ponto, que a análise de Moura começa a falar da *Pequena África no Rio de Janeiro*. Talvez ele pudesse ter chamado de *Pequena Bahia no Rio de Janeiro*. Não estaria errado. O eixo geográfico mudou, mas não a influência negra da Bahia.

Rio de Janeiro

Num primeiro momento, a maior parte dos escravos vendidos para o Rio de Janeiro vinha da África ocidental - Angola, Congo e Cabinda – e da África Oriental – Moçambique. Num segundo momento, eram originários da *Costa da Mina*.

Desde 1774, o desembarque dos africanos foi transferido da Praça Quinze para a praia do Valongo, de modo a não perturbar os sentidos dos bem-nascidos. No Valongo, foi instalado o mercado de escravos. Consta que, entre os séculos XVI e XIX, cerca de um quarto dos escravos do país ali tenha desembarcado. Mais que um atracadouro, ele foi um lazareto onde os doentes ficavam em quarentena, os mortos eram enterrados e os vivos negociados. Por volta de 1799, para uma população de cerca de 44.000 pessoas, só 45% era branca, segundo Edmundo (2009: 67).

Os *Minas* eram minoritários até 1830, quando começaram a crescer em importância na população negra da cidade (Moura: 66). No período que se segue até 1850, eles se tornaram 20% dos escravos do Rio de Janeiro e quase 10% de sua população.

Na segunda metade do século XIX, foi sustada a vinda de escravos da *Costa da Mina*. Ainda assim, levas de negros baianos começaram a migrar para o Rio de Janeiro, um fluxo que foi engrossado depois da *Revolta dos Malês*, de 1835, para as fazendas de café do Vale do Paraíba. Como consequência, o Rio de Janeiro se tornou uma cidade negra, plena de casas coletivas de moradia. Suas ruas eram coalhadas de mercadores africanos – mascates e quitandeiros – e de mulheres vendendo comidas e doces.

Quanto aos homens escravizados, já era do conhecimento a rebeldia de descendentes dos *iorubás e haussás, os Nagôs e Malês*: “Altivos, independentes, determinados, indivíduos sem modo de vida claro para as autoridades são estigmatizados como turbulentos e perigosos [logo] possíveis aliciadores de pretos para uma insurreição”

(Moura: 80). Muitos desses escravos procuraram ocupar o espaço de “trabalhadores de ganho” ou, por não encontrarem trabalho, malandros de rua (capoeiristas). Os primeiros perambulavam pela cidade à procura de qualquer tipo de ganho, que teria de ser entregue a seu senhor, por uma ínfima recompensa. Os segundos enveredavam pelo crime como praticantes de uma “luta marcial”, a capoeira, onde imperava a navalha. Um ambiente propício a esses homens eram os *zungus*, casas de angu, pobres e divididas em pequenos compartimentos. Ali, os trabalhadores de ganho e os capoeiristas podiam comer o angu, fazer seus batuques e refugiar-se quando eram procurados pela polícia.

A mulher *mina* projetou uma imagem diferente na sociedade. Sua propensão a estar sempre dignamente paramentada dava credibilidade a seus doces vendidos em tabuleiros. Também eram bem recebidas pelas *sinhas* brancas como cozinheiras, lavadeiras e passadeiras, sendo vistas como confiáveis e refinadas (idem:83).

Havia medo de movimentos insurretos. Em 1800, havia 1 milhão de negros no país. Em 1860, 2,5 milhões. Era preciso diminuir este número e a Guerra do Paraguai, 1864/1870, serviu como desculpa. O Exército e a Marinha eram despreparados para enfrentar um conflito tão longo. A saída para o problema foi a compra de escravos pelo governo imperial e seu recrutamento coercitivo, a partir de 1865, sob promessa de alforria futura. As mortes de negros foram muito maiores que as de brancos. Consta que, nas cargas de infantaria, que envolviam assaltos com baioneta, os brancos mandavam os negros na frente, para servir como bucha de canhão. Moura (idem: 95/100) afirma terem sido mortos 1 milhão de negros, reduzindo seu total para 1,5 milhão no país.

Parece correto acreditar que isso ajudou no processo de busca de branqueamento da população. O retorno dos soldados após a guerra engrossou o número de alforriados, agora politicamente mais conscientes, e o debate acerca da necessidade de uma abolição. Novamente, o temor de formar uma nação negra levou suas lideranças a pensar que a atração de imigrantes, poderia se mostrar como uma solução mais barata.

Um adendo: na Marinha, a mais aristocrática das forças armadas, o despreparo também era evidente. Seus oficiais eram recrutados na nobreza rural e na nascente burguesia urbana. Os marujada, porém, era arrebanhada à força. Em geral, eram negros e mestiços. Dando um salto no tempo para 1910, quarenta anos depois do fim da Guerra do Paraguai, rebentou a Revolta da Armada, liderada pelo marinheiro de primeira classe João Cândido Felisberto, nascido em 1880. Em viagens ao exterior, ele já vira que as relações a bordo dos navios estrangeiros era menos invasiva. A revolta ocorreu em resposta às condições de vida nos navios da frota, onde prevaleciam métodos bárbaros de disciplina. Os chicoteamentos, que eram heranças da escravidão, continuaram a ocorrer até depois da Abolição. Era tempo de dar um basta. Os oficiais que tentaram enfrentar os insubordinados foram mortos. Outros foram presos. Os marinheiros manobram os navios e bombardearam a cidade do Rio de Janeiro. Mandaram em seguida um comunicado ao presidente da República exigindo o fim da chibata.

O final da revolta implicou a prisão e tortura de João Cândido. Muitos de seus companheiros foram mortos. Foi expulso da Marinha e ficou preso até 1912. Viveu até 1969, não sem ter de enfrentar dificuldades (Moura: 228/35). No Brasil de 2024, corre no Congresso um projeto de lei que, se aprovado, escreverá seu nome no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria. Numa mostra de como as supostas elites brasileiras são

resistentes às mudanças sociais, o comandante da força naval, Marcos Sampaio Olsen, manifestou sua oposição a que João Cândido seja visto como herói da Marinha (Folha: 30.04.2024:A7). O único filho vivo de João Cândido, que já está com mais de 80 anos, disse com propriedade que seu pai merece ser Herói do Brasil e não da Marinha.

Voltando à ordem cronológica, para o negro baiano valeu a pena participar de uma diáspora para a nova capital, onde a moradia era mais barata, sobretudo no centro próximo do porto, onde ele se tornou estivador. “Assim, uma Pequena África no Rio de Janeiro estabeleceu-se a partir da década de 1870, compreendendo as freguesias da Saúde, de Santo Cristo e da Gamboa, estendendo-se depois até a Cidade Nova, onde nasceu, a partir dos migrantes baianos, o samba carioca. Foi lá que, no pós-Abolição, foram fundadas as primeiras casas de candomblé baiano na capital” (idem:106).

Tia Ciata chegou ao Rio de Janeiro em 1876, aos 22 anos de idade. Passou por muitas dificuldades e várias moradias na zona portuária, antes de se mudar, já casada com o baiano João Batista da Silva, com quem teve quatorze filhos, para a casa na Praça Onze. Este endereço ficou muito conhecido daí em diante, por conta de suas atuações nas esferas religiosa e musical. Ciata foi uma das responsáveis pela formação e desenvolvimento do samba carioca. Hoje é nome de rua próxima da praça Mauá.

Ciata de Oxum, orixá que expressa a própria essência da mulher, patrona da sensualidade e da gravidez, protetora das crianças que ainda não falam, deusa das águas doces, da beleza e da riqueza. Na vida no santo e no trabalho, Ciata era festeira, não deixava de comemorar as festas dos orixás em sua casa da praça Onze, quando depois da cerimônia religiosa, frequentemente antecedida pela missa cristã assistida na igreja, armava-se o pagode (idem:197).

Dona de espírito forte e sabedoria de vida, essa mãe de santo e doceira tinha talento para liderança. Uma pequena história envolveu o presidente da República, Wenceslau Brás. O presidente tinha um eczema na perna que uma junta médica dizia não poder fechar. Um tal de Bispo, investigador e chofer do chefe de polícia diagnosticou: *o presidente tem um encosto (algo maligno desejado por alguém), mas eu tenho uma pessoa que cura isso*. A pessoa era a Tia Ciata, que lavou a perna do presidente e lhe aplicou umas ervas de sua própria manipulação. Ela prescreveu: amanhã lava de novo e aplica as ervas. Bastam três dias para a cura. E curou! Agradecido, o presidente perguntou-lhe o que ela queria. A orgulhosa Ciata disse que não queria nada, mas para o marido seria bom melhorar sua situação. Que estudo ele tem, perguntou Wenceslau Brás? Lá na Bahia, ele cursou até o segundo ano de medicina. “Ah, então eu tenho um lugar para ele, vou botar ele aqui no gabinete do chefe de polícia”.

Em algum lugar deste sítio, eu já tinha falado que João Batista era médico. Erro meu. Foi até o segundo ano e, depois, por artes de Ciata, mudou para a polícia. Atividades bem próximas, não? De todo modo, o casal melhorou bastante de vida, o que lhes permitiu mudar para a casa da praça Onze, que tinha um sala muito ampla, bem ao jeito dos chorões e dos sambistas das primeiras décadas do século XX.

Esta história passa por verossímil. Acontece que li algo parecido em Luís Edmundo (2009: 242/243). Consta que D. João VI tinha uma ferida na perna, que não sarava. É sabido que ele, guloso, enchia os bolsos do casaco com coxinhas de galinha e que não era lá muito asseado. Bueno (2020:40) confirmou que ele comia muito e tomava pouco

banho. “Aliás, parece que ninguém jamais o viu tomar um banho de corpo inteiro durante toda a vida”. Bem, talvez não se deva ser muito rigorosos com D. João, porque àquela época a própria igreja via o banho como um “pecadilho, concupiscência [já que] o uso do banho é permitido, contanto que não se tome por volúpia”, como nos contou Luíz Edmundo. Enfim, voltando ao que importa, a ferida não cicatrizava, apesar dos esforços dos médicos portugueses. Chamou-se, meio no desespero, um eclesiástico francês, que lavou a nobre perna de D. João. Aplicou-lhe um “remédio vulgar” e a ferida fechou. Alguns dias depois, para horror dos especialistas, a ferida reapareceu. O que aconteceu? D. João não havia mais lavado a perna...

Como se pode lidar com estas historietas. São reais? Alguma delas é real? São anedotas? As informações da época são sempre imprecisas.

O samba

Etimologicamente, a palavra *samba* vem de *semba*, umbigada, que, no sentido profano, era usada para designar dança de roda. O *jongo* também é uma dança de origem africana, talvez religiosa, vinda de Angola. Alguns estudiosos entendem que ele seja um tipo mais antigo de samba. Leva outros nomes, como Caxambu, em alguns lugares.

Vagalume (1933: 14/15) afirma que “os baianos, com justo orgulho, chamam a si a paternidade do samba, que data dos fins do primeiro Império”. Até então, só existiam o *jongo*, o *batuque* e o *cateretê*. Na sua hierarquia, veio em seguida o fado e, finalmente, o samba, que “venceu em toda a linha”.

O samba baiano primitivo era o *Raiado*, com sotaque sertanejo, que deu lugar ao samba *Corrido*, mais próximo da pronúncia da gente da capital. Do sertão para a Capital. Daí para o Rio como samba *Chulado*, melodioso, “exprimindo uma mágoa, um queixume, uma prece, uma invocação, uma expressão de ternura, uma verdadeira canção de amor, uma sátira, uma perfídia, um desafio, um desabafo, ou mesmo um hino” (idem).

Moura (2022: 175/6) fala de uma “poderosa cultura popular afro-brasileira no Rio de Janeiro”, que baianos migrados disseminaram para os brancos e mestiços “numa convivialidade capaz de atravessar as rígidas distinções de cor, raça, gênero, família, bairro e classe social”. A questão que se colocou foi como retomar esses traços culturais, que foram “esquecidos pelo jornalismo, pela literatura e pela história oficial do país”.

A saída encontrada foi acompanhar os passos de alguns personagens que viveram intensamente os primeiros anos do século XX. Dentre eles, é um bom começo falar de Hilário Jovino Ferreira e seguir com algumas mães-de-santo, dentre as quais se destacava Hilária Batista de Almeida, a tia Ciata. Foi sob a influência dessas pessoas que se apoiaram os principais sambistas da cidade, como Sinhô, Donga, Caninha, João da Baiana, Heitor dos Prazeres e Pixinguinha. A “velha guarda”.

Hilário Jovino nasceu em Pernambuco, de pais provavelmente forros, e cedo foi levado para Salvador. Só foi para o Rio de Janeiro em 1872, já em idade adulta. Dotado de personalidade forte, pouco depois da chegada já criou um *Rancho* que incorporou as formas desenvolvidas na Bahia.

Mas, o que era um *Rancho*? Lembrem-se da história contada mais atrás de como, no início do século XVIII, o arcebispado da Bahia conseguiu atrair o povo negro para suas procissões cristãs. Essas procissões estavam ligadas às festas natalinas e atingiam uma dimensão dramática no *dia de Reis*. Incorporem a isso o fato de a cultura dionisiaca negra ter-se apropriado das festas católicas, provocando protestos e interdições. A consequência foi transferir o desfile dos *Ranchos* para o carnaval.

Hilário entendeu que era tempo de mudar o antigo carnaval, que era dominado por um *entrudo* grosseiro. Ele “era feito pelos cordões de velhos, pelos zé-pereiras e [por] cucumbis” e afoxés. Os *cucumbis*, puberdade em quimbundo, eram um estilo de dança de grupos de negros *Bantos*, que já ocorria desde meados do século XIX. Os *afoxés*, encantos em *iorubá*, eram cortejos carnavalescos chamados em Salvador de “candomblé de rua” (Moura: 178/181). Em contraposição ao antigo, nasceu o novo sob a forma do *Rei de Ouro*, um rancho organizado, com cores próprias, porta-bandeira, porta-machado (uma referência a uma divindade *iorubá*) e batedores (percussão). A polícia deu licença para o desfile, que teria sido um sucesso.

Em suma: Hilário foi o organizador dos ranchos, uma nova forma de brincar o carnaval e de afastá-lo das festas religiosas. O palco das festas também se deslocou da zona portuária para a Cidade Nova, em torno da praça Onze.

A baiana Bebiana, uma irmã-de-santo de tia Ciata, foi a figura central dessa primeira fase dos ranchos cariocas, ainda ligada ao ciclo do Natal. Os cortejos evoluíam na frente de sua casa no dia de Reis (idem: 179). Outras mães de santo vieram a seguir. Todas tinham em comum o gosto das festas realizadas em homenagem aos santos, onde a música e a dança expandiam a coesão do grupo. Assim foi com Amélia Silvana de Araújo, Tia Amélia, mãe de Donga. Assim também com Perciliana Maria Constança, Tia Perciliana do Santo Amaro, mãe de João da Baiana. A Tia Ciata sobressaiu entre elas e dava festas em sua famosa casa da Cidade Nova, numa época em que o samba era proibido. Era preciso conseguir uma autorização da Chefatura de Polícia para haver um baile, uma festa, uma batucada e candomblé onde todos brincassem à vontade.

O jovem Pixinguinha era assíduo na casa de Tia Ciata, com seus choros e sambas. Como já mencionado em outro texto deste sítio, ele disse que o choro era tocado na sala da casa por derivar de modinhas europeias abasileiradas pelo *lundu*, ritmo africano. No fundo do quintal, a história era outra: quem mandava era o samba. Será errado dizer que também a batucada e o candomblé estariam no cardápio?

Nessa altura, o melhor é tentar ouvir o som do que era produzido na época. Como as primeiras gravações começaram lá pelos anos da segunda metade da década de 1910, é difícil encontrar algo mais antigo. Na sequência é mostrada um pouco da obra de cada um desses pioneiros, todos negros, todos cariocas, mas em geral filhos de baianas criados na cultura do samba *raiado*, do sertão baiano, e do samba *corrido*, de Salvador. Vem deles a transição para o samba *chulado*, com sotaque carioca.

Em casa de Ciata, enquanto ela arrastava os pés no *miudinho*, na pontinha das sandálias, passos que ela aprendera menina na Bahia, “três meninos geniais” deitavam e rolavam: Pixinguinha no sopra, Donga nas cordas e João da Baiana na percussão (Moura: 240).

1. José Barbosa da Silva, Sinhô (RJ, 1888/1930) morreu com 42 anos. Era tido e se considerava o maioral. Consta que não apenas compunha, mas que se apropriava das músicas de compositores pobres. É atribuída a ele a frase que diz que “samba é como passarinho, é de quem apanhar”. Os três sambas abaixo foram interpretados por Mário Reis. O primeiro ainda é bem amaxiado.

Carga de Burro, 1929 - <https://www.youtube.com/watch?v=Z7Exdn7xCXA>

Jura, 1928 - <https://www.youtube.com/watch?v=JA4qVgAWRqQ>

Gosto que me enrosco, 1928 - <https://www.youtube.com/watch?v=s1O97h-C-v4>

2. Ernesto Joaquim Maria dos Santos, Donga (RJ, 1890/1974) foi compositor e violonista. Participou do conjunto Os Oito Batutas junto com Pixinguinha. Fez sambas, toadas, macumbas, lundus. Pelo Telefone está mais para maxixe. Um jornal da época dizia tratar-se de um tango. Muitos compositores se declararam os verdadeiros autores da música. A própria Tia Ciata repreendeu Donga por sua apropriação indevida. Há, inclusive, versões diferentes. A que está no disco original fala em seus primeiros versos que “O chefe da polícia/ Pelo telefone/ Mandou avisar/ Que na Carioca/ Tem uma roleta/ Para se jogar...”. Numa versão censurada, para não confrontar a polícia prefere: “O chefe da folia/ Pelo telefone/ Manda avisar/ Que com alegria/ Não se questione/ Para se brincar”. As outras duas músicas ainda têm muito de samba-sertanejo.

Pelo Telefone, 1917 - https://www.youtube.com/watch?v=X99_DMzHPNg

Patrão prenda seu gado, sem data, https://www.youtube.com/watch?v=_sjOYZy84FY

Passarinho bateu asas, disco de 1928,
<https://www.youtube.com/watch?v=QeKUHByGUU8>

3. José Luiz de Moraes, Caninha (RJ 1883/1961) – sambas carnavalescos também muito marcados pela fase sertaneja do samba baiano. Era conceituado e venceu um torneio de Rei do Samba, que era dado nas festas da Penha, contra Sinhô, que ficou ofendido.

Ninguém escapa do feitiço, 1920 -
<https://www.youtube.com/watch?v=nnk4ckAjCsY&t=69s>

Quem vem atrás fecha a porta (Me leva seu Rafael), 1920, gravado por Izaltino e Bahiano <https://www.youtube.com/watch?v=nmqhfkdlyDE&t=43s>

4. João Machado Guedes vulgo João da Baiana (RJ 1887/1974) – frequentador de rodas de samba. É tido como introdutor do pandeiro no samba e também o de *raspar a faca no prato*, “instrumento musical” depois copiado por outros sambistas.

Batuque na Cozinha, 1917 - <https://www.youtube.com/watch?v=yJkPDve5-nU&t=13s>

Mulher Cruel, 1923, em parceria com Donga e Pixinguinha
<https://www.youtube.com/watch?v=POXOARksQqw&t=19s>

Cabide de Molambo, 1928, <https://www.youtube.com/watch?v=0UWOaBP45oo>

5. Heitor dos Prazeres (RJ 1898/1966) - músico e artista plástico. Mulher de Malandro fala de tema tóxico hoje em dia. Vários de seus tipos populares ilustram a segunda música. É surpreendente ver que Pierrô Apaixonado foi feito por Noel Rosa e por ele.

Mulher de Malandro – sem data, <https://www.youtube.com/watch?v=IHB71vIRvxs>

Vou de abandonar, 1930 - <https://www.youtube.com/watch?v=zh9Ez2wGpEQ>

Pierrô Apaixonado, 1935, em parceria com Noel Rosa - https://www.youtube.com/watch?v=_wLpX1gp1YE

6. Alfredo da Rocha Vianna Filho, Pixinguinha, (RJ 1897/1973)

O choro Um a Zero, 1919, em parceria com Benedito Lacerda, Fábio Torres, no piano, Paulo Paulelli, no contrabaixo, Edu Ribeiro, na bateria, Nailor Proveta, no clarinete, e Hamilton de Holanda, no bandolim. <https://www.youtube.com/watch?v=fgrGb5cx2SA>,

Urubu Malandro, 1930 - <https://www.youtube.com/watch?v=zbIGf2gIwZU>

Palavras Finais

O texto procurou enfatizar três pontos: (I) a importância do negro escravizado em Salvador e Rio de Janeiro, que deve ser visto como uma continuidade histórica; (II) o samba como desenvolvimento musical fundamental para a construção do homem brasileiro; e (III) à luz dos dois pontos anteriores, uma crítica à Marinha brasileira.

(I) Por motivos aqui descritos com base no livro de Roberto Moura, Salvador viu serem dados os primeiros passos dos negros chegados da África e de seu contato com o branco. Foi um contato marcado por inúmeros conflitos e revoltas, ao tempo em que a forte cultura africana começou a se afirmar em campos como religião, música, dança e alimentação. Passado o ciclo da economia açucareira, a capital foi transferida para o Rio de Janeiro em 1763, para ficar mais próxima do ciclo de ouro em Minas Gerais e Mato Grosso. Os ciclos econômicos da época foram fundamentais para determinar a localização das capitais. E como esses ciclos eram sustentados pela mão-de-obra escrava, foi uma consequência natural verificar que os fluxos dos navios negreiros fundearam nos seus principais portos. Salvador e Rio de Janeiro dominaram o tráfico negreiro e devem ser vistas como uma continuidade, seja na economia, seja na cultura.

Alguns aspectos chamam atenção: o número de escravos e a sua origem. Os números são sempre imprecisos, mas é evidente que seu aumento foi exponencial. Em 1584, o padre Anchieta estimou que havia 3.000 os escravos na Bahia. Nos próximos 300 anos, entre 1530/1854, já se contavam cerca de 3 milhões para a colônia. Outras estimativas aumentavam esses números para 10 milhões, sendo que metade teria sido embarcada em Angola. A origem dessas levas de escravos também teve importância. As primeiras continham negros *Bantos*, mas, a partir de 1725, a estes foram acrescentados os *Nagôs* e os *Malês*. Os *Bantos* vieram da África Ocidental, enquanto os *Nagôs e Malês* foram oriundos da África Meridional. *Bantos* eram agrários, *Nagôs e Malês* eram urbanos e comerciantes. A cultura deles era diferenciada, mas isso não foi levado em conta. Todos eram vistos como africanos e essa indiferenciação deu causa a inúmeros equívocos.

Os quase quatro séculos de escravidão, somados à falta de políticas de inserção do negro na sociedade livre, após a Abolição, deixaram marcas profundas. Aquele período viu ocorrerem aproximações raciais ao lado de distanciamentos de toda ordem. O racismo

impenitente do dominador provocou rebeliões de parte dos homens mais orgulhosos vindos da África, que ficaram à margem da sociedade. Suas mulheres foram melhor assimiladas por serem tidas como aseadas e prestativas, próprias para o serviço doméstico nos lares abastados. Na esfera das religiões e apesar de coexistirem cristãos e muçulmanos dentre os escravizados, foi possível ocorrer um sincretismo religioso entre os cultos afros e as crenças cristãs. Uma marca indelével do ódio racial, porém, foi o processo de branqueamento, uma política desenhada por líderes que não queriam que o país fosse negro. A gigantesca mortandade de escravos na Guerra do Paraguai não deixa serem esquecidas as iniquidades cometidas para tanto.

(II) Na música, o processo de criação histórica do samba foi mais uma invenção negra, esta, talvez, a que falou mais alto na alma do povo brasileiro. Nascido na segunda metade do século XIX, o samba veio do interior da Bahia onde o escravo do campo lhe emprestou um sotaque caipira, sertanejo. Vagalume chamou essa primeira vertente de samba *Raiado*, pouco depois transformado em samba *Corrido*, mais harmonioso, que caiu no gosto do povo de Salvador. Na sequência, as grandes migrações baianas rumo ao Rio de Janeiro, a nova capital que crescia no processo de criação de riqueza nas fazendas de café do Vale do Paraíba, trouxeram na mala o jeito baiano de ser.

Hilário Jovino chegou ao Rio de Janeiro já adulto, em 1872, e logo após ver o tipo de carnaval que prevalecia, um *entrudo rústico*, criou um *Rancho* que, à moda baiana, já mostrava seus aparatos: cores próprias, estandartes e sambas *raiados e corridos*. O importante ali foi criar uma nova forma de brincar o carnaval e afastá-lo das festas religiosas. Inúmeras mães de santos baianas – Bebiana, tia Amélia (mãe de Donga), tia Perciliana do Santo Amaro (mãe de João da Baiana) e tia Ciata (uma grande agregadora social) – fizeram os *Ranchos* crescerem ao som de sua música e dança. Fala-se muito do jeito de tia Ciata dançar o *miudinho* nas festas de sua casa da Cidade Nova, arrastando os pés na ponta de sandalinhas. Algo a ser imitado. Alguma dúvida de que foi daí que nasceram as *Escolas de Samba*, a primeira das quais *Deixa Falar* foi fundada por Ismael Silva, em 1928, que desfilou no Largo do Estácio ao ritmo de pandeiro e tamborim?

Em outros textos publicados neste sítio já se abordou os caminhos da música brasileira. Um olhar lançado para os vinte anos finais do século XIX e as primeiras décadas do século XX destacaram valsas, polcas, maxixes e choros criados por autores com formação erudita, como Ernesto Nazaré e Heitor Villa-Lobos (o único a ser mencionado por Otto Maria Carpeaux, por suas *Serestas, Choros e Bachianas*), ou por músicos de grande inspiração, como Chiquinha Gonzaga e Pixinguinha. Era mais do que hora de dar espaço ao samba da Bahia, carioquisado por filhos de mães de santo ou por amantes do ritmo sensual que mexe com os sentidos. Esta nota conclui com um pouquinho da obra de personagens que fizeram seus nomes, em geral, entre as décadas de 1910/1920.

Tia Ciata, nasceu em 1854 na Bahia e morreu no Rio de Janeiro em 1924, com 70 anos de idade. Em *Súplica*, Paulo Sérgio Pinheiro e João Nogueira fizeram bela síntese nos versos iniciais: “O corpo a morte leva/ A voz some na brisa/ A dor sobe pras trevas/ O nome a obra imortaliza”. Vale para Ciata, que, neste findo mês de abril, fez cem anos de morta. Morte física. Sua memória está viva.

<https://www.youtube.com/watch?v=MzMM5B5bxeg>

Por tudo que se viu, não parece justo dizer apenas que o negro contribuiu para a formação da nacionalidade. É mais do que isso. O brasileiro é um ser amalgamado do branco, do negro e, também, do indígena. É um homem criado nos e para os trópicos, não como resultado de um projeto racional, mas como fruto de interações anárquicas, com defeitos e qualidades, paixões e ódios, ao longo de mais de quatro séculos. Negar esse fato é o mesmo que negar a natureza mais profunda do significado de ser brasileiro.

(III) Para finalizar, dados os argumentos indicados nos dois itens anteriores, não se deve deixar passar em branco a manifestação recente do almirante que preside os destinos da Marinha brasileira. Em artigo da Folha de São Paulo, ele negou que fosse reflexo de racismo sua rejeição a que João Cândido Felisberto (RS 1880/1969) seja registrado como Herói da Pátria. O almirante cita Marcílio Dias (RS 1838/1865), também um marujo negro, como herói por sua atuação na Batalha Naval do Riachuelo, onde teve decepado um braço que segurava a bandeira do Brasil. No dia seguinte, ele morreu dos ferimentos aos 27 anos de idade. Nada contra a homenagem. Sua biografia na *wikipedia* aponta para um “bravo combatente” na Batalha de Paysandú.

Mas, porque não João Cândido? Porque era um rebelde que tinha a dignidade de “um mestre sala”, como na música O Mestre Sala dos Mares (1974), de João Bosco e Aldir Blanc? Porque enfrentou a violência numa esquadra que, para impor autoridade, ainda chicoteava a marujada após a Abolição? E, afinal, seria muito ter dois heróis, quando se sabe que cerca de 1 milhão de escravos morreram na Guerra do Paraguai?

Se não se puder falar em manifestação racista, o que é duvidoso, que seja ao menos imperativo chamar de elitismo a rejeição a um homem que lutou pela dignidade de uma classe de trabalhadores, mais de cem anos atrás. Um elitismo que choca porque não se coaduna com um governo de base trabalhista e popular.

Referências bibliográficas

- Bueno, Eduardo. *Dicionário da Independência – 200 anos em 200 verbetes*. Editora Piu. Porto Alegre, 2020.
- Carpeaux, Otto maria. *O Livro de Ouro da História da Música*. Ediouro Publicações, Rio de Janeiro, 2001 (3ª. edição).
- Didier, Carlos. *Negra Semente, Fina Flor da Malandragem, Samba Batucado do Estácio de Sá*. Editora do Autor. Rio de Janeiro, 2022.
- Edmundo, Luís. *O Rio de Janeiro no Tempo dos Vice-Reis*. Edições do Senado Federal, vol. 126. Brasília, 2009 (1ª. edição em 1932).
- Moura, Roberto. *Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro*. Todavia. São Paulo, 2022 (1ª. edição em 1983).
- Vagalume, Francisco Guimarães. *Na Roda do Samba*. Editora Serra da Barriga. Niterói RJ, 2023 (Livro publicado originalmente em 1933).
- Viecceli, Leonardo. *Não é racismo, diz comandante depois de crítica a João Cândido*. Folha de São Paulo, 30.04.2024: A7.
- Worms, L.S. & Costa, W.B-Wella. *Brasil Século XX ao Pé da Letra da Canção Popular*. Curitiba: Nova Didática Editora, 2002.